

Lançar as redes em águas mais profundas Perspectivas para o futuro da IECLB

P. Dr. Paulo Afonso Butzke
Palestra no XXV Concílio da IECLB
Panambi, 13/10/2006

A. Introdução

A solicitação de discernir a caminhada atual da IECLB, no momento máximo da vida da igreja, diante de suas principais lideranças, me causa temor e tremor. A prática do discernimento não é fácil e nem sempre é bem-vinda, mas absolutamente necessária para uma igreja que busca visões e perspectivas de futuro. Os antigos pais e mães do deserto comparavam o discernimento ao machado. Uma de suas anedotas relata que muitos na igreja passam a vida toda carregando o machado nos ombros – sem jamais derrubar uma árvore¹. Com o perdão da imagem ecologicamente incorreta, vou tentar derrubar algumas árvores nesta exposição.

Quando comecei a me preparar para esta palestra deparei-me com o fato de que praticamente tudo a respeito do momento atual da IECLB, suas prioridades, dificuldades e maiores desafios, já estava dito – e com muita propriedade. Não me lembro de um relatório para um concílio que fosse tão rico em informações e análises, tanto por parte da Presidência quanto por parte da Secretaria Geral. Some-se a isto a grande quantidade de material de qualidade publicado como resultado dos fóruns, dos seminários, das consultas, ou mesmo o que o ex-Pastor Presidente Dr. Brakemeier ou o ex-Secretário Geral P. Dr. Kliewer publicaram, analisando o atual momento da IECLB. Todo este material está disponível e certamente é do conhecimento da maioria dos presentes.

Não creio, portanto, que seja necessário ou interessante trazer uma análise de tudo que foi dito e escrito nestes últimos quatro anos sobre a situação da IECLB. Ao que eu me proponho é compartilhar com vocês, irmãs e irmãos, o meu discernimento a respeito de alguns desafios que são consensualmente considerados prioritários para a IECLB neste momento histórico. E o faço na perspectiva de alguém que está engajado de corpo e alma no processo de desenvolvimento de comunidades e paróquias da IECLB. Os desafios sobre os quais vou discorrer são os seguintes:

- O desafio da sustentabilidade;
- O desafio do crescimento quantitativo e qualitativo;
- O desafio da identidade.

B – Lançar as redes em águas mais profundas

Para iluminar e inspirar nossa reflexão, eu gostaria de, num momento anterior à reflexão dos desafios mencionados, compartilhar alguns aspectos de minha meditação de um dos textos dos evangelhos que nos últimos tempos se tornou de grande importância para mim e para o meu trabalho: Lucas 5.1-6.

Meditação sobre Lucas 5.1-6 (PPS)

Com minha imaginação desloco-me para a Palestina, para a Galiléia, junto ao Lago de Genesaré. Um lugar aprazível, de temperaturas amenas. Sinto o cheiro do mar, sinto a areia morna sob os pés, ouço o quebrar das ondas. Vejo Jesus se aproximar – e com ele uma multidão que o segue.

V. 1 – “Aconteceu que, ao apertá-lo a multidão para ouvir a palavra de Deus, estava ele junto ao lago de Genesaré;”

“A multidão o apertava” – diz o primeiro versículo – todos e todas queriam ouvi-lo. Enfim tinham encontrado um mestre que interpretava a Escritura com autoridade e de tal forma que ela falava ao coração, trazendo sentido para suas vidas. Queriam saber mais, ouvir mais – por isso o seguiam por toda parte. Poucas vezes, em nossa vida eclesial, somos “apertados pela multidão”. Estamos acostumados ao pequeno rebanho e criamos até uma sólida argumentação para justificar a pouca participação e a falta de um crescimento numérico satisfatório. Exaltamos a qualidade e desprezamos a quantidade. E, no entanto, as multidões de hoje continuam à procura; buscam, assim como nos tempos de Jesus, palavras para o coração, procuram orientação e sentido para a vida. O movimento de retorno ao sagrado, a busca por uma espiritualidade que dê sustentação ao cotidiano é intensa. Mas passa ao largo de nossas igrejas e centros comunitários. Deixamos de ser referência nestas questões. Não podemos mais descansar sobre o axioma de que o que conta é a qualidade de nosso conteúdo teológico – com urgência precisamos aperfeiçoar a qualidade da transmissão deste conteúdo – o evangelho do amor incondicional de Deus.

¹ Apophthegmata patrum Aegyptiorum. Trier: Paulinus Verlag, 1986. Sentença 626, p. 220.

V. 2 – “e viu dois barcos junto à praia do lago; mas os pescadores, havendo desembarcado, lavavam as redes.”

Dois barcos vazios junto à praia – os pescadores estão ocupados com as redes. Tinham acabado de fazer uma experiência frustrante – passaram a noite toda pescando, lançando as redes – e nada pegaram. Não surpreende que estivessem dedicados a fazer a manutenção das redes. Os peixes estavam lá, como sempre. Mas as redes não os capturaram. O que há com as redes? Talvez estejam com rasgos, com furos – não seguram mais, as malhas não têm mais coesão. Penso nos furos e rasgos causados na rede da IECLB pela falta de coesão teológica e prática, por cisões e conflitos. O penoso trabalho de consertar as redes, por isso, é uma tarefa contínua. Sim, o que há com as redes? Talvez os peixes aprenderam a contorná-la. Será que os peixes mudaram, evoluíram? Talvez as nossas redes não atraiam mais os peixes de hoje. Com as redes de quarenta anos atrás não podemos mais pescar hoje – a frustração é inevitável.

V. 3 – “Entrando em um dos barcos, que era o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da praia; e, assentando-se, ensinava do barco as multidões.”

Jesus entra em um dos barcos para poder pregar e ensinar o povo. O que parece ser um detalhe sem importância torna-se vital na história. O barco vazio torna-se símbolo para a existência missionária. O que sou, o que possuo, meu tempo, meus bens, minhas capacidades, meus dons – ponho à disposição de Jesus, ponho à disposição da missão de Deus neste mundo. A missão não é da igreja, sequer é uma função da igreja. Igreja é uma função da missão de Deus. Somos apenas instrumentos, canoas vazias à disposição. Ou? Talvez sejamos canoas, barcos entulhados, pesados, encalhados sob o peso de nossos interesses político-eclesiais, de nossas tradições, regulamentos, desinteresse. À medida que me aprofundo na história da espiritualidade cristã, percebo que, em todas as suas diferentes vertentes e tradições, o processo do esvaziar-se é essencial para que haja transformação e desenvolvimento pessoal e espiritual – transformação que nos liberta de nós mesmos e nos torna disponíveis para Deus. Disponibilidade – é a palavra-chave para a missão. Em que medida, estamos dispostos a nos tornarmos vazios de nós mesmos, permitindo, assim, que a paixão de Deus pelo mundo nos preencha e se torne a razão de nossa existência? Lembro do menino com seus peixinhos e pãozinhos. Muitas vezes Deus usa também a nossa limitação para sua missão. Também a nossa frustração e nossas lágrimas – vale a pena ler 2 Coríntios nesta ótica. Minha mãe costuma dizer que Deus constrói o seu reino com cacos. Os vitrais nada mais são do que cacos de vidro colorido através dos quais brilha o sol divino.

Conta a narrativa do evangelho que, de seu púlpito flutuante, Jesus prega, ensina, consola e orienta o povo. Em dado momento, ressoa a ordem desafiadora de Jesus a Pedro:

V. 4 – “Faze-te ao largo, e lança as vossas redes para pescar.”

“Embarquem mais uma vez e lancem suas redes em águas mais profundas”. Esta ordem contraria a experiência dos pescadores, pelo menos em dois pontos: a) sabidamente, no Mar da Galiléia, os cardumes de peixes estavam mais próximos à costa e não nas águas profundas; b) por outro lado, no Mar da Galiléia, a pesca noturna era bem mais exitosa – pescar de dia significava muito cansaço e pouco peixe. A estas experiências antigas dos pescadores somava-se ainda outra – o fracasso da noite anterior.

Ora, Jesus não era insensível ou pedante. Ele era amigo dos pescadores, especialmente de Simão Pedro. Mesmo assim, ele desafia: “lancem suas redes em águas mais profundas”. Equivale a dizer: “Esqueçam a experiência de ontem”. Para nós esta frase pode ser muito instigante. “Esqueçam a experiência de ontem” – também na igreja, a experiência tornou-se um bem relativo. No mundo de hoje, no qual o conhecimento humano duplica a cada dois anos, na verdade, ninguém tem “experiência”. Estamos continuamente, diariamente, aprendendo a lidar com novas e inusitadas situações. Este, aliás, é o significado do termo “*mathetés*”, “discípulo”: aquele que aprende constantemente. Somos nós uma igreja de discípulos e discípulas dispostas ao constante aprendizado? Penso que um dos pontos mais complicados e doloridos deste tema é dispor-se a desaprender o que algum dia já deu resultados, mas que hoje tornou-se obsoleto e infrutífero.

Imagino como esta história teria acabado se Pedro tivesse respondido com uma frase típica entre nós: “Não, Mestre. Isto não vai dar certo!” Apesar da experiência contrária e da frustração recente, ele responde como discípulo:

Vv. 5-6 – “Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos, mas sob a tua palavra lançarei as redes. Isto fazendo, apanharam grande quantidade de peixes; e rompiam-se-lhes as redes.”

Pedro abdica de sua experiência de pescador veterano – e obedece a ordem do Mestre. O que acontece aqui antecipa de forma simbólica toda a experiência missionária da igreja. Somente “sob a tua palavra” podemos esperar frutos, podemos esperar milagres operados pelo Senhor da igreja. A fidelidade de Deus se experimenta na obediência, na perseverança.

Ainda haveria muitos aspectos interessantes neste texto a serem meditados. Devido à exigüidade do tempo temos que limitar-nos a estes cinco versículos. Proponho que continuemos esta meditação individualmente em outro momento. Deixemos esta história dos evangelhos ressoar em nós.

C – Perspectivas para o futuro da IECLB

Iluminados e inspirados pelo texto do evangelho, partimos para a reflexão sobre alguns dos principais desafios atuais da IECLB.

1. O desafio da sustentabilidade

1.1. Definições e parâmetros

Defino sustentabilidade como **a capacidade de um sistema de criar as condições favoráveis para sua sobrevivência e desenvolvimento no presente e no futuro, evitando o esgotamento ou a sobrecarga dos recursos que o mantêm.**

A história do conceito da *sustentabilidade* liga-se à preocupação crescente em alcançar o equilíbrio entre atividade econômica, meio ambiente e bem-estar da humanidade. A idéia do desenvolvimento sustentável é promover a harmonia entre essas partes, de modo a melhorar a qualidade de vida das populações, equilibrar o desenvolvimento socioeconômico entre os países, preservar e conservar o meio ambiente e controlar recursos naturais essenciais, como água e alimentos. A questão ambiental e os problemas globais do planeta como, por exemplo, o crescimento populacional, o esgotamento de recursos energéticos, as mudanças climáticas e o aquecimento global, expressos em documentos de consenso internacional como a Agenda 21, sinalizam a urgência desta reflexão. Trata-se da sustentabilidade de nosso planeta.

Não é de admirar que um conceito tão vital e prioritário acabasse influenciando também a administração e a gestão de organizações de todos os setores. Sustentabilidade - ou desenvolvimento sustentável - tornou-se rapidamente um conceito-chave para a administração de empresas e organizações. Repercutiu especialmente no gerenciamento de organizações da sociedade civil, o chamado terceiro setor, ao qual pertencem as ONGs, as fundações, associações, igrejas etc. É consenso que a sustentabilidade, ou seja, a realização sustentável da missão destas organizações, resulta do seu processo de desenvolvimento e fortalecimento institucional.

Segundo o sociólogo Domingos Armani², existem alguns parâmetros que podem ser usados como eixos de análise sobre o grau do desenvolvimento institucional e de sustentabilidade de uma organização: base social, legitimidade e relevância da missão; autonomia e credibilidade; compatibilidade entre o nível da receita e as necessidades da organização; organização do trabalho e gestão democrática e eficiente; quadro de recursos humanos adequados; sistema de planejamento, monitoramento e avaliação (PMA) participativo e eficiente; capacidade de produção e sistematização de informações e conhecimentos; poder para influenciar processos sociais e políticas públicas; capacidade para estabelecer parcerias e ações conjuntas; e eu ainda acrescento: agilidade na comunicação interna e externa; transparência absoluta na prestação de contas junto aos doadores de recursos.

Seria um exercício interessante aplicar estes parâmetros à IECLB, aos sínodos, instituições, setores de trabalho, movimentos, paróquias e comunidades. Teríamos bem mais clareza acerca de nossos pontos fortes e de nossas carências e poderíamos estabelecer uma agenda de trabalho para nosso desenvolvimento e fortalecimento institucional.

1.2. Sustentabilidade e Luteranismo

É preciso tomar consciência, porém, de que este tema sempre encontra resistências no contexto da teologia luterana. À primeira vista, na teologia luterana há pouco espaço para o tema da sustentabilidade. Para ela, o que cria e sustenta a igreja não está à disposição, não é manipulável nem gerenciável. Teologicamente, a sustentabilidade da igreja vincula-se à ação do Espírito que cria fé e comunidade ali onde a palavra é pregada e os sacramentos são administrados, “*onde e quando aprovar a Deus*”, como afirma a Confissão de Augsburgo em seu artigo V. Cedo, porém, os reformadores implementaram ações abrangentes visando a sustentabilidade da igreja nascente³. As

² O DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL COMO CONDIÇÃO DE SUSTENTABILIDADE DAS ONG NO BRASIL. In: <http://www.aids.gov.br/final/biblioteca/sustenta/desenvol.htm>

³ No tocante à realização prática de uma comunidade comprometida com o evangelho, os reformadores tiveram grandes problemas. Após o rompimento com Roma e a luta contra a heresia entusiasta, situada num vácuo eclesiástico marcado pela indiferença religiosa, a igreja luterana nascente tinha diante de si os desafios: a) da reforma litúrgica, b) da elaboração de um corpo jurídico e a redefinição da liderança eclesiástica, c) da elaboração de um resumo elementar da fé evangélica e d) do estabelecimento de bases para a sustentabilidade para a igreja e suas paróquias. Este último ponto foi o motivo das visitas realizadas no período de 1527-

visitações realizadas nos anos de 1527 a 1529, por exemplo, além de sedimentar a doutrina, tinham a função de organizar a sobrevivência material de paróquias, pastores e professores. Já nos anos seguintes, a sustentabilidade da igreja evangélica-luterana foi garantida por príncipes territoriais e governos nacionais, modelo que na Europa se manteve estável ao longo da história. Apenas com o transplante do luteranismo para o Novo Mundo, surgiram novas concepções de sustentabilidade, adaptadas ao novo contexto e situação. A preocupação com a sustentabilidade tornou-se tarefa permanente das igrejas luteranas da região em recriarem seus modelos de sobrevivência e desenvolvimento institucional.

1.3. Encaminhamentos práticos – “lançando as redes em águas mais profundas”

Apesar de que no espaço desta exposição não seja possível aprofundar mais o tema, eu gostaria de destacar três aspectos importantes para o encaminhamento prático:

(a) Visão de igreja – É urgente a pergunta pela efetividade missionária e pela viabilidade financeira de nossas estruturas eclesiais nos seus diferentes níveis. A velha pergunta – *que igreja somos, podemos e queremos ser* – continua relevante. Inspirados e animados pelas imagens e visões do ser igreja no Novo Testamento, importa instaurar um processo de construção de uma visão de igreja que, ao mesmo tempo, seja caracterizada pela alta qualidade de sua vida comunitária, pela inequívoca identidade confessional e pela prática da missão integral; ou seja, uma visão que permita à IECLB realizar a missão que consta em seus documentos normativos. Importante é frisar: o tema da sustentabilidade não se esgota em uma estratégia de captação de recursos, mas necessita estar embasado numa consistente concepção de desenvolvimento de igreja que contemple de forma equilibrada os aspectos fundamentais do ser igreja: *martyria, diakonia, koinonia* e *leitourgia*. Volto a tematizar estes aspectos abaixo.

(b) Planejamento estratégico – Atualmente, na busca por sustentabilidade e desenvolvimento institucional, organizações de todos os setores são desafiadas a utilizar a ferramenta do planejamento estratégico, ou seja, o sistema participativo de planejamento, monitoramento e avaliação (PMA). As igrejas, enquanto organizações da sociedade civil, também podem valer-se desta metodologia para promover crescimento quantitativo e qualitativo. O planejamento estratégico possibilita à igreja a tomada de medidas positivas tanto para enfrentar ameaças externas e dificuldades internas quanto para aproveitar as oportunidades em seu ambiente. Onde existe planejamento a médio e longo prazo, existe a concentração e a aplicação eficaz de todas as possibilidades de que a igreja dispõe, facilitando que ela alcance seus objetivos e colabore de forma eficaz com a missão de Deus no mundo. Também na igreja, o desenvolvimento institucional contínuo depende da promoção contínua de uma cultura do planejamento⁴. À primeira vista, um planejamento estratégico pode parecer interessante apenas para empresas e instituições seculares. Na igreja, lidamos com “produtos” não-mensuráveis, como a fé, o amor, a esperança. E estes, na verdade, são frutos da ação divina, do Espírito de Deus, e não de nossas estratégias e planos. Mesmo assim, temos várias indicações de que o planejamento também é conhecido e valorizado na Bíblia. Assim, Moisés recebe o conselho de seu sogro Jetro para organizar melhor o atendimento ao povo em Êxodo 18. Em Eclesiastes 10.10, ouvimos o sábio conselho: “Se você deixa o machado perder o corte e não o afia, terá de trabalhar muito mais. É mais inteligente planejar antes de agir” (BLH).

1529. Central era assegurar a subsistência dos pastores e professores, além de verificar a posição teológica dos mesmos. Contribuições e ofertas financeiras não eram mais trazidas à igreja, pois haviam perdido o caráter meritório. A consequência era a miséria das paróquias e a fome dos pastores e professores. As visitas tinham a tarefa de calcular o patrimônio e a arrecadação dos bens eclesiais (mosteiros, instituições, paróquias) e reorganizá-los para que servissem à sustentabilidade paroquial. Onde os recursos não eram suficientes, a comunidade civil e a nobreza deveriam ajudar. Igualmente, onde os bens eclesiais tinham sido confiscados pelos governantes, estes deveriam prover a sustentabilidade. Este fato levou a uma verticalização do regimento eclesial, perdendo-se a possibilidade de instituir um regimento presbiterial-sinodal – este surgiu lentamente apenas a partir do século XIX. Assim, o provimento financeiro recaiu quase que exclusivamente sobre os príncipes territoriais (Landesfürsten) que também, por falta de uma outra instância, tornaram-se os primeiros bispos (Not-Bischöfe) luteranos – princípio solidificado em 1535. Os imigrantes evangélicos que formaram a IECLB provieram, portanto, de uma realidade eclesial na qual a sustentabilidade da igreja era garantida pelo estado. Interessante é o relato do P. Meinrad Piske sobre os inícios da IECLB em Santa Catarina: em algumas das primeiras comunidades protestantes em Santa Catarina – Blumenau (1850) e Joinville (1851) – os pastores eram contratados e financiados pelo governo imperial. Quando este deixou de fazê-lo houve revolta entre os imigrantes. Apenas lentamente a idéia da auto-sustentabilidade através da contribuição dos membros foi aceita.

⁴ Providencial, neste sentido, é o programa de sustentabilidade – intitulado “Con confiança en el porvenir...” – proposto pelo Secretário para a América Latina do Departamento de Missão e Desenvolvimento da Federação Luterana Mundial, P. Martin Junge, para as igrejas luteranas latino-americanas. Desenhado para o período de 2006 a 2010, o programa tem como eixo central a capacitação de lideranças para o uso da ferramenta do Planejamento Estratégico Participativo.

Jesus, ao falar sobre o discipulado em Mateus 14, recomenda calcular exatamente os custos de tal empreitada e os desdobramentos futuros: *“Pois qual de vós, pretendendo construir uma torre, não assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para concluir?” (...)* Ou qual é o rei que, indo para combater outro rei, não se assenta primeiro para calcular se com dez mil homens poderá enfrentar o que vem contra ele com vinte mil?” O Apóstolo Paulo, por sua vez, lista entre os carismas da comunidade neotestamentária o dom da *“kybérnesis”*, - originalmente a *“arte de pilotar ou dirigir um navio”*. Trata-se do dom do *“governo”* (1 Co 12.28) ou da *“direção”* da comunidade. Para se dirigir um navio nos tempos do Novo Testamento era preciso muita habilidade, conhecimento e capacidade de planejamento. A navegação precisava ser cuidadosamente planejada. Primordial era o conhecimento do mar, dos relevos da costa, da orientação astronômica, do aproveitamento estratégico dos ventos e das correntes marítimas – tudo isto visando alcançar com segurança o porto de destino. Não por acaso o *“navio”* ou o *“barco”* tornou-se o símbolo da igreja (cf. Mt 8.23-27; 14.22-33; HPD 98). Dirigir o navio chamado Igreja, assumir a tarefa da liderança eclesiástica, é assumir a responsabilidade pelo planejamento criterioso e pela navegação segura do povo de Deus rumo ao seu futuro eterno. Instituir uma cultura de planejamento na realidade paroquial da IECLB evidentemente não é tarefa fácil. Depois de ter dirigido processos de planejamento estratégico em cerca de 20 paróquias da IECLB desde 2004, tornei-me comedido ao avaliar as possibilidades deste instrumento. Para algumas paróquias, o planejamento estratégico tornou-se a construção de um caminho rumo a um bom futuro, a suplantação de uma atitude meramente reativa por uma atitude proativa. Entrementes, é possível observar que somente as paróquias perseverantes na execução de seu plano de ação alcançam seus objetivos. A maior dificuldade está em aprender a gerenciar o planejamento com humildade, corrigindo metas e prazos quando necessário - em vez de sucumbir na frustração ou até na soberba refratária.

(c) Fé, gratidão e compromisso – Uma estratégia eficaz de desenvolver a auto-sustentabilidade da igreja, igualmente, é a promoção persistente e contínua do programa de **mordomia cristã**. Determinante para o programa de mordomia é a convicção de que os dons individuais, os bens materiais e o tempo nada mais são do que propriedade de Deus confiada aos seres humanos. A estes cabe a tarefa de administrar esta propriedade divina de acordo com a vontade de Deus, colaborando com sua missão neste mundo. Promovida pela Federação Luterana Mundial a partir da década de 50 do século passado e exercitada na IECLB com muito êxito na década seguinte, a concepção de mordomia necessita ser reavaliada como instrumento útil para o fomento da fé que, em gratidão, também se expressa através do compromisso financeiro. É sinal de esperança que em todos os sínodos estejam surgindo iniciativas em torno do tema *fé, gratidão e compromisso*. Eu gostaria, porém, de chamar atenção para alguns perigos que percebo no tratamento do tema: 1) ele não pode ser apenas objeto de reflexão cognitiva seguida por um apelo moral em favor da contribuição. Ou o tema atinge o coração de nossos membros ou teremos mais uma frustração a contabilizar. Tratar de *“fé, gratidão e compromisso”* é evangelizar a partir do primeiro artigo. 2) Igualmente, urge a elaboração de um projeto coordenado que contemple teologia, materiais, treinamento, métodos etc – sem esta infra-estrutura, o tema não terá impacto. 3) Importantíssimo fator pedagógico é conectar a disposição de doar e contribuir com projetos missionários e diaconais. Lembro que todo o movimento da mordomia cristã na América do Norte nasceu justamente do envolvimento com projetos missionários. Apenas num segundo momento ele foi canalizado também para a sustentabilidade das igrejas. Se em nossas grandes paróquias o tema for direcionado apenas para estabilizar orçamentos ordinários, ele terá um resultado frustrante. É fundamental vencer a tentação de utilizar o tema *“fé, gratidão e compromisso”* apenas para o objetivo da automanutenção. A perspectiva tem que ser a outra: a vocação missionária e diaconal da IECLB. É necessário sensibilizar para o fato de que a IECLB necessita de mais recursos financeiros para alcançar a auto-sustentabilidade de seus projetos missionários, diaconais, educacionais etc; igualmente, para garantir a sobrevivência de nossas pequenas paróquias no norte, no nordeste e no centro do país; igualmente, para assumir uma parcela mais significativa no apoio financeiro a igrejas luteranas irmãs da América Latina. Na questão da sustentabilidade o êxito, ou melhor, a bênção, depende da disposição de lançar a rede para além da própria sombra.

2. O desafio do crescimento quantitativo e qualitativo

A IECLB, como um todo, não cresce como desejado. Em algumas áreas, inclusive, estagnou ou decresce. Em outras, nota-se algum crescimento, incluídos aqui os projetos missionários e outras iniciativas motivadas pelo PAMI. Em julho deste ano, o Fórum de Missão tratou exaustivamente do assunto e sua documentação dá uma visão ampla de como a IECLB compreende e desenvolve missão. Fato alentador é que a preocupação com a irradiação missionária chegou a todos os rincões da IECLB. Tornou-se consenso que a IECLB deve, sim, ser igreja missionária e que cada membro, cada comunidade, paróquia, sínodo devem o testemunho missionário ao seu contexto. Compreendeu-se, igualmente, que a missão não pode ser terceirizada ou delegada a especialistas. Missão é a própria existência da igreja.

O nó crítico da missão da IECLB, porém, permanece sendo o desafio do desenvolvimento e do crescimento quantitativo e qualitativo de suas comunidades e paróquias – isto apesar do instigante slogan do PAMI: “*Nenhuma comunidade sem missão – nenhuma missão sem comunidade*”. Percebo aqui um claro descompasso na reflexão e na prática da missão. Temos sido eficazes em articular as bases teológicas da missão, em fomentar e executar projetos missionários exemplares de missão integral e contextual. Falta-nos, no entanto, a concepção e a visão para o crescimento quantitativo e qualitativo de nossas comunidades e paróquias. As poucas visões que temos não são compartilhadas – esbarram nos limites e nas rivalidades existentes entre sínodos, movimentos, instituições. Considero urgente a realização de um fórum nacional para trocar experiências, para refletir acerca das concepções eclesiológicas e modelos ministeriais vigentes, para construir um projeto e uma visão comum, adaptável aos diferentes contextos.

Se quisermos, de fato, promover um processo de desenvolvimento capaz de viabilizar crescimento quantitativo e qualitativo de nossas paróquias e comunidades, porém, será necessário, antes de tudo, qualificar cada um dos aspectos fundamentais da vida comunitária e eclesial.

Uma das definições mais completas dos aspectos que perfazem a missão da igreja nos foi legada pelo Conselho Mundial de Igrejas. No contexto da discussão sobre as estruturas missionárias das igrejas na década de 60 do século passado, estabeleceu-se que a igreja participa da missão de Deus neste mundo promovendo *martyria* – o testemunho do evangelho, *koinonia* – a comunhão dos que vivem a partir do evangelho, *diakonia* – o serviço ao próximo e à sociedade, *leitourgia* – o louvor e a celebração do amor de Deus⁵. Estes aspectos são parâmetros a partir dos quais podemos aferir a qualidade de nossa vida comunitária. É na realização equilibrada e perseverante destes aspectos que podemos esperar crescimento quantitativo. “*Lançar a rede em águas mais profundas*” em cada um destes aspectos será decisivo para o bom futuro da IECLB.

2.1. *Martyria* – “*Lançar as redes em águas mais profundas*” – o que significa isto para a *martyria* – o testemunho do evangelho? Significa expor o evangelho de forma elementar e criativa, motivando as pessoas – membros e não-membros da IECLB – para uma resposta pessoal de fé à graça de Deus. O amor incondicional de Deus é o conteúdo de nossa evangelização. Importa investir em formas que comunicam o evangelho de forma efetiva para o mundo de hoje: cursos evangelísticos, espaços de reflexão que integrem fé e vida, utilização da mídia moderna, otimização da comunicação, capacitação dos membros para a articulação da fé, incentivo e formação para a evangelização a partir dos relacionamentos.

2.2. *Koinonia* – “*Lançar as redes em águas mais profundas*” – o que significa isto para o aspecto da *koinonia* – a vivência concreta do corpo de Cristo? Fé cristã, para poder se desenvolver, necessita da experiência da comunhão. O grande desafio é proporcionar, em nossa vida comunitária, espaços de convivência e aceitação mútuas. Espaços onde a graça de Deus determine o relacionamento das pessoas, criando um clima positivo. A característica mais importante de um clima positivo é a valorização das pessoas. Trata-se de levar as pessoas a sério e respeitá-las em seus desejos, experiências e potencialidades, animá-las a contribuir voluntariamente com seu tempo, seus dons e bens. Comunidade que consegue incluir e valorizar membros e não-membros, que investe num bom clima e em pequenos grupos, possui alta atratividade e deverá crescer em número. O contrário também é válido – a comunidade marcada por conflitos, tensões, rupturas ou opressão (laica ou pastoral) deixará de ser atrativa – os membros irão se afastar e provavelmente deixar de contribuir. Comunidade com clima negativo estagna ou decrece⁶.

2.3. *Diakonia* – “*Lançar as redes em águas mais profundas*” – o que significa isto para o aspecto da *diakonia* – o serviço ao próximo e à sociedade? A fé e a espiritualidade de matiz luterano desejam tornar-se ativas no amor (Gl 5.6). Estão predispostas à prática diaconal, à solidariedade voluntária, ao engajamento na missão de Deus, promovendo vida plena neste mundo. Assim, engajamento diaconal

⁵ A estes aspectos o P. Dr. Nestor P. Friedrich, Secretário Geral da IECLB, acrescentou um quinto: a *oikonomia* – a administração do que Deus nos confiou, incluídas aqui a comunidade e a igreja. Os quatro primeiros dizem respeito às atividades-fim e o último à atividade-meio da igreja. Vale a pena conferir os dez aspectos da boa administração eclesial propostos por Friedrich em <http://conferencia-liderazgo2006.blogspot.com/> ou <http://www.mastro.com.br/col/nestor.pdf>.

⁶ Urge que as lideranças da IECLB em todos os níveis adquiram competência no gerenciamento e na solução de conflitos. Um instrumento que vem sendo utilizado com êxito no Sínodo Vale do Itajaí é o do aconselhamento mútuo entre obreiros/as, auxiliando na profilaxia de potenciais conflitos. Vale a leitura da monografia da Pastora Sinodal Mariane Beyer Ehrat - *Intervisão fraterna: um método de aconselhamento mútuo*. São Leopoldo, [s. n.], 2005, Monografia (Especialização em Aconselhamento e Psicologia Pastoral) - Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. Igualmente importante é a promoção de uma cultura dialogal caracterizada por uma estrutura clara e transparente na tomada de decisões. Não por último, é fundamental investir em um relacionamento construtivo entre lideranças leigas e ministros/as ordenados/as.

é um lugar privilegiado para a vivência do sacerdócio geral para o qual fomos ungidos por ocasião do batismo. O crescimento das comunidades e paróquias da IECLB dependerá em boa medida da relevância diaconal que possam conquistar na sociedade em que estão inseridas. Dependerá da disponibilidade para se tornarem comunidades solidárias e igreja para os outros. Grande relevância social tem hoje todo serviço às pessoas em situação de sofrimento psíquico, espiritual, econômico, físico. Importa desenvolver sensibilidade para as necessidades e para as dores da sociedade, importa reconhecer o Cristo que jaz à minha porta (Lutero). Já temos uma boa quantidade de projetos diaconais disponíveis que podem acelerar a competência solidária de paróquias e comunidades.

2.4. Leitura – “Lançar a redes em águas mais profundas” – o que significa isto para o aspecto da *leiturgia* – a celebração do amor de Deus? Em nenhum outro aspecto a IECLB avançou mais nas últimas décadas do que na renovação litúrgica. Cabe ainda avançarmos na compreensão e melhor elaboração dos elementos antropológicos do culto para que, de fato, se torne acontecimento dialogal e proporcione experiência de comunhão. A centralidade do culto na vida comunitária como espaço onde os meios da graça divina são oferecidos é um postulado teológico que nem sempre encontra correspondência na prática comunitária. Cabe um alto investimento na formação litúrgica da comunidade, na música sacra contemporânea, na qualidade comunicativa da pregação, na elaboração da liturgia, para que o culto seja inspirador e transparente para o amor de Deus.

Testemunho – comunhão – serviço – louvor. É na constante qualificação destes aspectos básicos que promovemos nosso desenvolvimento e crescimento como igreja.

3. O desafio da identidade

Identidade é o conteúdo do que move a igreja e a faz ser o que é. Trata-se dos referenciais que a fazem ser inconfundível, original, única, afinal, o que a distingue de outros grupos sociais, de outras associações religiosas, até mesmo de outras denominações cristãs. É consenso que a identidade clara e definida tem influência decisiva na vitalidade de uma igreja. Ela agrega e reúne, além de possibilitar o desenvolvimento de visões e objetivos transparentes e precisos, conhecidos e respaldados por todos seus membros. Por outro lado, igreja sem perfil teológico claramente articulado torna-se irrelevante no mercado religioso atual⁷. Portanto, a eficácia missionária da IECLB – e, por conseguinte, seu desenvolvimento quantitativo e qualitativo – depende de sua capacidade de articular sua identidade teológica e sua visão de forma inequívoca e convincente no meio em que vive.

Há dois aspectos complementares que formam a identidade de uma igreja: tradição e interpretação. Estes dois aspectos também estão presentes na identidade da IECLB:

3.1. Tradição, o primeiro aspecto, aponta para o imutável, para o perene, para o que dá equilíbrio, estabilidade, firmeza. No caso da igreja luterana esta tradição é teológica e determinada pela Escritura Sagrada (*norma normans*) e pelos Escritos Confessionais Luteranos (*norma normata*), além de elementos que provêm do desenvolvimento histórico da IECLB⁸. Ao lado dos documentos teológicos, é importante considerar aqui também a tradição da espiritualidade luterana e seus elementos básicos⁹. Estes aspectos teológicos, eclesiais e espirituais fazem de nós “*igreja luterana*” e nos tornam inconfundíveis no mundo religioso brasileiro.

3.2. Interpretação, o segundo aspecto, por sua vez, proporciona mobilidade, flexibilidade, agilidade. A identidade necessita ser continuamente formulada e reinterpretada pela igreja atual em seu contexto existencial. A igreja atual tem, pois, responsabilidade para com a tradição herdada dos pais ao longo da história da igreja e ao longo da história da igreja luterana – tem, porém, igual responsabilidade para com a vida e a realidade da sociedade em que vive. Daí nos advém a tarefa de

⁷ Uma ameaça silenciosa à existência e ao crescimento da IECLB é o desconhecimento da identidade da igreja por grande parcela de seus membros. Quem não conhece a identidade da igreja, ou dela tem apenas uma noção nebulosa, não saberá valorizá-la. Desconhecimento gera indiferença e incapacidade para o testemunho, inviabilizando a igreja missionária. Não menos perigosa e desagregadora é a pluralidade de identidades – às vezes concorrentes ou até excludentes entre si. Importantíssimo, por isso, foi a realização em 2004 do Fórum Nacional da Unidade. O documento final do Fórum – Unidade: Contexto e Identidade da IECLB – é grande auxílio para a busca de consensos teológicos na igreja e o fortalecimento da unidade em torno da identidade teológica.

⁸ Incluo aqui textos de Ernesto Schlieper que promoveram a reorientação teológica da igreja após a Segunda Guerra, as diretrizes programáticas da Federação Sinodal formuladas por Hermann Dohms, o Manifesto de Curitiba, o documento “Nossa Responsabilidade Social”, entre outros.

⁹ Identifico nove elementos básicos que historicamente perfazem a riqueza da espiritualidade evangélico-luterana: o culto, os sacramentos – batismo e santa ceia, a poimênica fraterna, o hino evangélico (hinário), a leitura bíblica, a oração (livros de orações), o Catecismo Menor (doutrina elementar). Confira em BUTZKE, Paulo. Aspectos de uma espiritualidade luterana para nossos dias. In: Estudos Teológicos, v. 43, n. 2, p. 104-120. 2003.

termos que definir quem somos hoje, aqui e agora, de indicar com clareza quais são nossos objetivos e quais são nossas tarefas.

O desafio da identidade é conjugar, com equilíbrio e discernimento, tradição e interpretação. Somente ao manter a complementaridade dinâmica entre estes dois aspectos a igreja terá uma identidade que, por um lado, estará firmemente ancorada na teologia bíblico-confessional e, por outro, será flexível e ágil para responder aos desafios de nosso tempo. Extrair a identidade somente da tradição confessional equivale a sentar-se sobre um baú fechado no qual jazem as verdades teológicas. Extrair identidade apenas das demandas do tempo ou do contexto religioso equivale a desfazer-se da âncora e da bússola – seremos um barco à deriva no mar religioso até encalhamos num banco de areia neo-pentecostal¹⁰.

No luteranismo, a construção da identidade é dinâmica: é o exercício de discernimento teológico-espiritual que relaciona a própria vida com os desafios da palavra de Deus e com os desafios do mundo, extraíndo daí posicionamento e vivência da fé e da espiritualidade. Este posicionamento é confissão de fé e testemunho, expressão viva e concreta da identidade teológico-espiritual.

Se a IECLB dispor-se a “lançar as redes em águas mais profundas” na questão da identidade, deverá empreender todos os esforços possíveis para capacitar seus membros para o discernimento teológico-espiritual. Mais do que tem feito, deverá investir em formação cristã. O programa da Educação Cristã Continuada¹¹, elaborado de forma participativa em dois seminários nacionais sobre o assunto, em 2005 e 2006, é uma concepção sólida para este empreendimento. Com este programa recuperou-se a educação cristã continuada como consequência e exigência do batismo, reafirmando a tese central do assim chamado “*Catecumenato Permanente*”. Assegurado o fundamento do projeto de formação, é preciso indicar com maior clareza sua intenção teológico-eclesial. O eixo articulador da educação e formação cristã é o sacerdócio geral¹² – para o qual somos ungidos e ordenados por ocasião do batismo. A formação cristã objetiva a vivência plena deste sacerdócio e deve capacitar para todas as funções previstas para o sacerdócio de acordo com o proposto por Martin Lutero: o exercício da profissão secular como serviço ao próximo, a paternidade e a maternidade espiritual e a catequese fundamental na família, a mordomia dos bens materiais, o testemunho cristão em palavra e ação, o batismo, o aconselhamento fraterno, a intercessão, o discernimento teológico-espiritual. A participação efetiva da igreja na missão de Deus no mundo depende, portanto, da qualidade do programa de educação e formação cristã de seus membros, colaboradores/as, lideranças e obreiros/as. Igreja missionária é aquela na qual uma grande parcela dos membros estão vivendo seu sacerdócio cristão na comunidade e na sociedade, promovendo *martyria, koinonia, leitourgia, diakonia*. Além do critério da continuidade, o projeto de educação e formação deve considerar o critério da especificidade – formar para as demandas da missão de Deus neste mundo. Contempla-se, assim, a educação cristã no processo da biografia espiritual de cada batizado e as necessidades da igreja, sínodos, paróquias, comunidades, setores de trabalho etc.

A educação e a formação na igreja não se esgotam numa operação pedagógico-cognitiva. Além da transmissão de conhecimento e informação, inclui experiência e a iniciação espiritual. Para o projeto de formação da IECLB, “lançar as redes em águas mais profundas” significa também educar para a vivência da espiritualidade luterana. A fé interior, motivada pelo Espírito, está predisposta à expressão exterior e corporal – a espiritualidade. Formação cristã deverá introduzir à vivência concreta da espiritualidade luterana sob as condições do cotidiano, respeitadas as necessidades das diferentes etapas do desenvolvimento humano e situações existenciais. Prioridade é o ensino da oração, da leitura e meditação da palavra de Deus, da participação ativa e existencial na liturgia do culto, do silêncio contemplativo, entre outros aspectos. Importante é lembrar que, para o desenvolvimento de uma espiritualidade sadia, buscar-se-á equilíbrio entre suas diversas dimensões: pessoal, familiar, comunitária e social. O exercício do sacerdócio, para não ser inconstante e superficial, necessita desta âncora espiritual.

D. Conclusão

O desafio maior da IECLB neste momento histórico é ouvir a ordem de Jesus – “*lancem as redes em águas mais profundas*” – e responder como discípulos e discípulas – “*apesar das dificuldades, sob a tua palavra lançaremos as redes*”. Se o barco chamado IECLB se tornar disponível para a missão de

¹⁰ Assim, o conflito com o movimento de renovação carismática não teve sua origem na expressão carismática da fé, mas na incapacidade do movimento em vincular esta expressão com a identidade teológica luterana, fato possível em muitas igrejas luteranas ao redor do mundo.

¹¹ Veja MARTINI, Romeu R. (Org.). Batismo e Educação Cristã. Por uma vivência diária da fé. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

¹² Esta é a tese de Martin Reusch, o decano da educação cristã na IECLB. Ao longo de sua trajetória pastoral, Reusch inspirou gerações de teólogos/as para a idéia do Catecumenato Permanente, além do fato de ter sido o autor de um dos projetos-modelo de formação na IECLB na antiga Região Eclesiástica VI.

Deus, então poderemos contar com a sua fidelidade e, onde e quando aprover a Deus, experimentar o milagre das redes repletas de suas bênçãos.

Encerro lembrando um conhecido poema de Lindolfo Weingärtner:

Prática da Esperança (a ser formatado em duas colunas)

Uma canoa à beira da laguna.

Um velho pescador,
os pés firmados na popa,
lançando a tarrafa.

Há meia hora
que o estou observando.
É um senhor tarrafeador:
Em círculo perfeito
a rede cai sobre a água.

Ele espera,
enquanto a tarrafa afunda,
até que suas bordas,
pesadas de chumbo,
tocam o fundo lamacento.
Depois começa a puxar a corda,
cauteloso,
com mãos esperançosas,
ansiosas,
sentindo
se há vida na rede,
ou se vai ser outra esperança desfeita.

A rede está vazia.

Ele a sacode,
prepara o próximo lance.
Contei os arremessos:
Vinte e três vezes seguidas
ele lançou a tarrafa.
Vinte e três vezes
a tirou da água, vazia.

Ele sabe:
Há dias

em que é preciso lançar a rede,
contrariando as expectativas,
contrariando o bom senso -
vinte vezes,
cinquenta vezes,
cem vezes -

Porque é preciso
lançar a rede,
ensaiando a esperança,
praticando a esperança -
porque deixar de lançá-la
seria o mesmo que desistir,
e desistir,
seria igual a morrer.

Prática da esperança:

Agradeço-te, velho pescador.
Teu trabalho não foi em vão.
Hoje eu necessitava desesperadamente
que alguém me desse
o recado
que me acabas de dar.
Eu o entendi.

Lindolfo Weingärtner